



Ilana Benchimol

**Experiência subjetiva da paternidade e
da masculinidade na transição para a
parentalidade**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Abril de 2020



Ilana Benchimol

**Experiência subjetiva da paternidade e
da masculinidade na transição para a
parentalidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora.

Profa. Terezinha Féres Carneiro

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Rebeca Nonato Machado

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Celia Regina Henriques

Pesquisador Autônomo

Rio de Janeiro, 28 de abril de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ilana Benchimol

Graduou-se em Psicologia na Puc-Rio em 2013. Bolsista de Iniciação Científica na linha de família, casal e criança: teoria clínica em 2012-2013. Realizou diversos cursos na área de psicologia clínica e psicanálise. Atua como psicóloga clínica.

Ficha Catalográfica

Benchimol, Ilana

Experiência subjetiva da paternidade e da masculinidade na transição para a parentalidade / Ilana Benchimol ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2020.

68 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Parentalidade. 3. Paternidade. 4. Conjugalidade. 5. Gênero. 6. Masculinidade. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Ao meu marido,
por me presentear com lentes de amor
e gratidão, curando olhos cansados e abatidos,
que hoje vibram com a cintilância
do caminhar junto.

Agradecimentos

A Deus, pelas incontáveis bênçãos.

À minha incansável orientadora, pelo compartilhamento generoso do saber, pelo acolhimento e compreensão nos momentos turbulentos vividos nesses anos.

À CAPES à PUC-Rio pelos auxílios recebidos que viabilizaram este estudo.

Aos meus filhos, que são bálsamos, unguentos generosos e curativos. O maior legado nascido de um ventre que gestou, aprendeu e multiplicou o amor corajoso e incondicional. Para amar é preciso coragem.

Aos meus pais por me ensinarem que para viver é preciso audácia e bravura.

Aos meus irmãos, Marina e David, pelo apoio e amor incondicional.

Aos meus colegas, pelas valiosas trocas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Benchimol, Ilana; Féres-Carneiro, Terezinha. **Experiência subjetiva da paternidade e da masculinidade na transição para a parentalidade**. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação de Mestrado– Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A partir do presente estudo, procurou-se explorar a temática da experiência subjetiva da paternidade e da masculinidade de pais primíparos na transição para a paternidade. Para isso, foi realizado estudo qualitativo no qual foram entrevistados oito homens primíparos, das camadas médias cariocas, com filhos entre oito meses e três anos, heterossexuais, casados legalmente ou não. Os resultados foram analisados segundo o método de análise do conteúdo em sua vertente categorial. Para atingir os objetivos aqui propostos, serão apresentadas as seguintes categorias de análise: *masculinidades em transformação: identificações e rupturas com os genitores; identidade masculina: a questão dos gêneros, feminismo e suas reverberações na masculinidade, pré-história da paternidade: o desejo de ter filhos; repercussões da parentalidade no relacionamento conjugal e, envolvimento paterno*. A maioria dos participantes considerou que na atualidade existe maior fluidez entre os gêneros feminino e masculino, reverberando na parentalidade e na conjugalidade que ficam, assim, mais igualitárias. As falas demonstraram maior envolvimento paterno em todo o processo de tornar-se pai, desde o planejamento e o desejo por filhos, até os cuidados físicos e afetivos. Foi possível também constatar reverberações da parentalidade no relacionamento conjugal, indicando o transbordamento de questões do subsistema parental para o conjugal.

Palavras-chave

Parentalidade; conjugalidade; masculinidade; gênero; envolvimento paterno.

Abstract

Benchimol, Ilana; Féres-Carneiro, Terezinha (advisor). **Subjective experience of fatherhood and masculinity during the transition to fatherhood.** Rio de Janeiro, 2020. Dissertação de Mestrado—Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Based on the present study, we aimed to investigate the subjective experience of fatherhood and masculinity of primiparous fathers during their transition to fatherhood. To this end, an extensive research was conducted that was divided into two articles. The first one, ‘Subjective experience of masculinity in the transition to fatherhood’ discusses how fathers experience changes in masculinity during their transition to fatherhood. The second article, ‘The contemporary father: vicissitudes of the process of becoming a father’ focuses on how fathers experience the process of transition to fatherhood. To this end, two qualitative studies were conducted by interviewing eight primiparous men from Rio de Janeiro who belong to the middle-class, have a child aged between eight months and three years, are heterosexual and are married (formally or otherwise). The results were analyzed according to the content analysis method and its categorical aspect. To achieve the set goals, analysis categories were discussed in articles one and two as follows: the categories of the first article were *Masculinities in transformation: identifications and ruptures with parents; Male identity: the issue of gender; and Feminism and its reverberations on masculinity.* The categories of the second article were *Prehistory of fatherhood: the desire to have children; Repercussions of parenting on the marital relationship and Paternal involvement.* Most participants believe that today, there is a greater fluidity between the male and the female gender, which also reverberates on parenting and conjugality and makes them more egalitarian. Their statements reveal increased paternal involvement throughout the entire process of becoming a father, from planning and desiring a child to physical and emotional care. It was further observed that parenting also impacts the marital relationship, as issues related to the parental subsystem seem to affect the conjugal one as well.

Keywords

Parenting, conjugality, masculinity, gender, paternal involvement

Sumário

1. Introdução	9
2. Experiência Subjetiva da Masculinidade na Transição para a Paternidade	13
Resumo	13
Método	23
Participantes	24
Instrumentos e procedimentos	24
Procedimentos éticos.	24
Análise dos dados	24
Resultados e Discussão	25
Masculinidade em transformação: identificações e rupturas com os genitores	25
Identidade masculina: a questão dos gêneros	28
Feminismo e suas reverberações nas masculinidades	31
Considerações finais	34
3. O pai contemporâneo: vicissitudes do processo de tornar-se pai	36
Resumo	36
Método	47
Participantes	47
Instrumentos e procedimentos	47
Procedimentos éticos	47
Análise dos dados	47
Resultados e discussão	48
Pré-história da paternidade; o desejo de ter filhos	48
Repercussões da parentalidade no relacionamento conjugal	52
Envolvimento paterno	55
Considerações finais	59
4. Conclusão	60
Referências bibliográficas	62
Anexos	67
Anexo 1: Perfil dos participantes	67
Anexo 2: Roteiro de entrevista	68

1. Introdução

Atualmente podemos notar crescente interesse científico na investigação de temas relacionados à paternidade frente às transformações sociais e às mudanças nas relações de gênero (Vieira, Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi & Piccinini, 2014). Os arranjos familiares na contemporaneidade são cada vez mais plurais e diversos em virtude de tais transformações (Giddens, 2002). Nesse cenário de intensas mudanças no grupo familiar, nas relações de gênero e na sociedade, surge uma crescente demanda de estudos sobre o gênero masculino e sobre a paternidade.

O interesse por temáticas relativas à paternidade e ao gênero masculino é relativamente novo se compararmos com o tema da maternidade. Grande parte da produção científica acerca da paternidade tem como premissa o modelo de pai tradicional, tal qual proposto por Fein (1977). Esse pai, que basicamente é visto como provedor, ocupava principalmente a esfera pública que era, por excelência, um território masculino. Tratava-se de investigar, portanto, o papel simbólico desse pai que permanecia pouco tempo no lar e envolvia-se pouco com os filhos. A entrada de contingente feminino no mercado de trabalho foi de extrema importância para o estabelecimento de maior flexibilidade nas relações de gênero, promovendo um maior intercâmbio e compartilhamento das tarefas e funções relativas ao lar e ao cuidado com os filhos. Dessa forma, hoje vivemos um processo de flexibilização dos papéis de gênero, levando a uma transformação das práticas e da própria identidade masculina (Silva, Gabriel, Cherer e Piccinini, 2017). Surge assim a necessidade de estudar os novos tipos de masculinidades, bem como a forma como esses novos homens relacionam-se com o lar, com a parceira e com o cuidado dispensado aos filhos.

Os estudos de gênero, por muito tempo, deixaram o gênero masculino em segundo plano. Isso porque os estudos feministas se faziam mais urgentes frente ao movimento de emancipação das mulheres. Tratava-se de lutar contra um modelo hegemônico de masculinidade. A emancipação das mulheres, além das mudanças no feminino, nos papéis e tarefas familiares e no ambiente social, também levou a mudanças no masculino, mudanças essas que necessitam ser estudadas e compreendidas. Segundo Nolasco (1995), o movimento de emancipação das mulheres e, principalmente, a entrada de contingente feminino no mercado de trabalho resultaram, em certa medida, numa reinvenção do masculino e do que vem sendo chamado nas ciências sociais de “novas masculinidades” (Nolasco, 1995; Connel, 2016). Dessa forma, a negligência em relação às diversas formas de ser homem, gerada a partir de uma forma enrijecida do olhar para a masculinidade, pode acabar perpetuando um certo modo de ser homem que os próprios estudos feministas se preocupam em denunciar (Guenther, Humbert e Kellan, 2018).

De acordo com Silva e Benetti (2009), hoje os pais são convidados a assumir novos papéis e funções familiares contrastando com os modelos familiares vigentes em outros momentos históricos. Dessa forma, deparam -se com novas perspectivas relativas aos papéis de gênero, transformando de forma significativa aquilo que se espera dos homens e pais na família e na sociedade como um todo. O processo de transição para a parentalidade envolve um conjunto de transformações em diversas esferas da vida. Tanto na dimensão familiar e conjugal, uma vez que novos papéis e funções precisam ser negociados e assumidos, quanto na dimensão individual repercutindo na identidade do novo pai e da nova mãe (Carter e Mcgoldrick, 2001). Nas famílias tradicionais, os papéis

de gênero eram bem delimitados, assim como as funções exercidas por homens e mulheres. As mulheres ocupavam-se, majoritariamente, com atividades relativas ao cuidado doméstico e dos filhos, permanecendo quase que exclusivamente na esfera privada. Os homens, por outro lado, exerciam papel de provedor, ocupando as esferas públicas. Tanto a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, quanto o crescimento do ideário feminista foram componentes importantes, responsáveis por levar os homens a um maior questionamento sobre a identidade masculina. Essa reflexão se faz necessária para flexibilizar e transformar as próprias relações de gênero dentro e fora do ambiente familiar. Não se trata, porém, de estabelecer relações de causalidade entre o crescimento do feminismo e as mudanças nas identidades masculinas. Essas transformações estão inseridas num contexto maior, no qual o próprio conceito de identidade é colocado em xeque (Hall, 2006; Wang et. Al, 2006)

O processo de transição para a paternidade pode favorecer a emergência e a descoberta de um novo homem. Segundo Crespi e Ruspini (2015), hoje existe uma demanda para que o homem desempenhe diversos papéis simultaneamente, desafiando sua própria identidade, que ganha novos contornos, sua relação com seus próprios pais, o significado do trabalho e o lugar que este ocupa em sua vida. De certa maneira, tornar-se pai culmina em uma nova perspectiva sobre importantes aspectos da vida. Segundo as autoras o próprio significado da paternidade está intimamente conectado com questões relacionadas às identidades de gênero e com o relacionamento mantido com o genitor. A qualidade da relação conjugal, antes, durante e depois da gestação, tem papel importante no estabelecimento de um bom envolvimento paterno. É importante salientar que os pais contemporâneos foram filhos de pais tradicionais, tal qual proposto por Fein

(1977); esses pais eram afetivamente mais distanciados, assumindo papel de provedores e disciplinadores. Através do compartilhamento dos cuidados dos filhos e dos afazeres domésticos com sua parceira, o homem contemporâneo pode retificar subjetivamente a vivência que teve com seu genitor, construindo novos sentidos para a paternidade e para a masculinidade (Crespi & Ruspini, 2015; Silva & Benetti, 2009)

Diante do panorama apresentado, de crescentes transformações nos arranjos familiares, nas relações de gênero e na identidade masculina, a presente dissertação tem como objetivo geral investigar o processo de transição para a paternidade. Os resultados serão apresentados em dois artigos. O primeiro intitulado “Experiência subjetiva da masculinidade na transição para a paternidade”, pretende avaliar como os pais estão vivenciando as mudanças na masculinidade na transição para a paternidade. O segundo, denominado “O pai contemporâneo: vicissitudes do processo de tornar-se pai”, objetiva estudar como os pais estão vivenciando o processo de transição para a paternidade.

2. Experiência Subjetiva da Masculinidade na Transição para a Paternidade

Resumo

O presente estudo faz parte de uma pesquisa extensa sobre a experiência subjetiva da paternidade e da masculinidade em pais primíparos, e tem como objetivo investigar como os pais estão vivenciando as mudanças na masculinidade na transição para a paternidade. Para isso, foi realizado estudo qualitativo no qual foram entrevistados oito homens primíparos, das camadas médias cariocas, com filhos entre oito meses e três anos, heterossexuais, casados legalmente ou não. Os resultados foram analisados segundo o método de análise do conteúdo em sua vertente categorial. Para atingir os objetivos aqui propostos, serão apresentadas as seguintes categorias de análise: masculinidades em transformação: *identificações e rupturas com os genitores; identidade masculina: a questão dos gêneros, e, feminismo e suas reverberações na masculinidade*. Os resultados indicam que a passagem para a paternidade é um momento frutífero para reflexão sobre as relações de gênero e, portanto, da masculinidade. A maioria dos homens entrevistados demonstrou uma maior fluidez entre gênero masculino e feminino, o que reverbera também na instância da paternidade. Por fim, todos os entrevistados consideraram importante a entrada da mulher no mercado de trabalho e suas repercussões na família como um todo e na parentalidade que fica, assim, mais igualitária.

Palavra-chave:

Paternidade, masculinidade, gênero, parentalidade.

Resumen

El presente estudio forma parte de una investigación más amplia acerca la experiencia subjetiva de la paternidad y de la masculinidad en padres primíparos, y su objetivo investigar la forma en la que los padres viven los cambios en la masculinidad durante la transición a la paternidad. Para ello, se llevó a cabo una investigación cualitativa, en la que fueron entrevistados ocho hombres primíparos, heterosexuales, casados legalmente o no, de clase media de Río de Janeiro, con hijos entre los 6 meses y los 3 años de edad. Se revisaron los resultados según el método de análisis de contenido en su vertiente categorial. Para alcanzar los objetivos aquí propuestos, se presentarán las siguientes categorías de análisis: masculinidad em transformación: identificac iones y rupturas con los progenitores; identidad masculina: la cuestión de los géneros; y el feminismo y su reflejo en la masculinidad. Los resultados indican que el paso hacia la paternidad es un momento fructífero para la reflexión sobre las relaciones de género y, por lo tanto, de la masculinidad. La mayoría de los hombres entrevistados demostró más fluidez entre los géneros masculino y femenino, lo que también se refleja en la instancia de la paternidad. Por fin, todos los entrevistados consideran importante la entrada de la mujer al mercado laboral y sus repercusiones en la familia y en la parentalidad que, de esta forma, se vuelve más igualitaria.

Palabras clave:

Paternidad, masculinidad, género, parentalidad.

Abstract

This study is part of a broader research on the subjective experience of parenting and masculinity in primiparous parents. It aims to investigate how parents experience changes in masculinity in their transition to parenting. To this end, a qualitative research was conducted by interviewing eight primiparous men from Rio de Janeiro who belong to the middle-class, have a child aged between six months and three years, are heterosexual and are married (formally or otherwise). The results were analyzed according to the content analysis method and its categorical aspect. To achieve the goals of this study, the following analysis categories were discussed: masculinity in transformation: identifications and ruptures with parents; male identity: the issue of gender; and feminism and its reverberations on masculinity. The results show that the transition to paternity is a fruitful moment to reflect on gender relations and, therefore, masculinity. Most interviewed men showed greater fluidity between the male and the female gender, which also reverberates on the instance of paternity. To conclude, all respondents gave much importance to the fact that women enter the labor market and to its repercussions on family and parenting, which thus becomes more egalitarian.

Keywords:

Paternity, masculinity, gender, parenting.

Atualmente, notamos certa expansão nas ciências sociais – em particular na psicologia - de estudos envolvendo a paternidade e as mudanças nas relações de gênero (Vieira, Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi e Piccinini, 2014). Dentre uma série de motivos, esta expansão ocorreu em virtude da crescente demanda de investigar e entender as novas formas de masculinidades que surgem à luz das mudanças das relações de gênero e das transformações nas configurações familiares e sociais. Por muito tempo, os estudos de gênero estavam mais restritos aos estudos feministas, deixando o gênero masculino em segundo plano, com um olhar muito enrijecido sobre uma masculinidade hegemônica. Negligenciar a multiplicidade de formas de ser homem nas pesquisas acadêmicas pode acabar por perpetuar uma certa forma de ser homem que os próprios estudos denunciam. Urge, portanto, a necessidade de um novo olhar para o masculino (Guenther, Humbert e Kellan, 2018).

Os arranjos familiares contemporâneos são cada vez mais diversos e complexos em virtude das transformações sociais e das mudanças nas relações de gênero (Singly, 2007; Giddens, 2002). Podemos definir identidade de gênero como uma estrutura essencial para o convívio social. De certa forma, as identidades de gênero organizam o social e suas relações das mais diversas formas. Connell (2016) entende que podemos delinear os gêneros de formas distintas como em termos de papéis sociais, em termos narrativos ou biológicos. O que traz expressividade para essas definições são os usos sociais que fazemos a partir dessas produções de sentido. Segundo a autora, o gênero é corporificado, porém esse processo não ocorre sem um significado social. Trata-se, portanto de um processo dialético onde o indivíduo corporifica o social e ao mesmo tempo produz sentidos a partir dessa corporificação. Os estudos feministas e a entrada

das mulheres no mercado de trabalho mobilizaram de certa forma uma reformulação do masculino e do que vem sendo chamado de “novas masculinidades” (Nolasco, 1995; Connel, 2016).

Para introduzirmos a temática das transformações nas identidades de gênero de maneira geral e em específico da identidade masculina, ou nas masculinidades, é necessário pensar o estatuto do conceito de identidade na contemporaneidade. Para Hall (2006), a globalização tem como uma de suas consequências a rejeição de identidades rígidas trazendo como efeito maior diversificação das identidades. Sendo assim, as antigas identidades que estabilizavam a sociedade entram em colapso, dando espaço para um sujeito de identidade cada vez mais plural. O autor traça um panorama desde as identidades características do iluminismo até o modelo atual. O sujeito do iluminismo, por exemplo, era tido como uma pessoa unificada, dona de uma essência imutável, com foco voltado para a razão e a consciência. Já o sujeito sociológico refletia a progressiva complexidade do mundo. Embora o indivíduo ainda tivesse um núcleo essencial, esse era passível de modificações na interação social. O sujeito da modernidade tardia, por sua vez, tem sua identidade cada vez mais fragmentada. O autor argumenta que o próprio estatuto de identidade é questionado, dando lugar a identidades provisórias e passíveis de transformações constantes.

Devemos considerar as mudanças nas relações de gênero dentro de um contexto global e histórico de mudanças mais amplas. As mudanças sociais que estão permanentemente em curso e impactam nas relações de gênero, devem ser consideradas quanto à maneira como reverberam nos corpos. Historicamente a ordenação dos gêneros foi principalmente moldada pelos saberes científicos das

principais metrópoles econômicas. Devemos considerar que esses saberes dizem respeito a uma realidade particular usualmente de uma classe mais favorecida economicamente, e que eles não são necessariamente universais ou reproduzíveis em outras culturas e em outros segmentos sócio-econômicos. Dessa forma, devemos ter uma compreensão mais ampla que nos permita pensar o gênero e suas mudanças, em um panorama contextualizado em todos os seus pormenores. Devemos analisar o gênero como uma corporificação do social, que se estende ao tempo e ao território onde os corpos sexuados habitam. Pensar a localização desses corpos é, portanto, de suma importância (Connel, 2016).

Levando em consideração as postulações acima mencionadas, pode-se afirmar que qualquer definição que escolhamos levar em conta só terá relevância na medida em que se transforma em práticas sociais, práticas essas corporificadas, “o gênero, pode-se dizer, é um caso de corporificação social” (Connel, p.17). Segundo Badinter (1992), a diferenciação sexual é de extrema importância; trata-se de um balizador que sofre constante mudanças de acordo com o momento sócio-histórico. A discriminação entre feminino e masculino é, segundo a autora, uma necessidade humana e organizadora da sociedade como um todo. O entendimento e a apreensão das coisas partem do pressuposto de que categorizamos, ou em outras palavras, distinguimos o que é e o que não é a coisa que estamos investigando.

Diversas vertentes de estudo de gênero fundamentam-se em uma abordagem rígida segundo a qual questões de gênero envolvem as categorias estáticas e essencialistas sobre o masculino e o feminino. De acordo com Connell (2016), uma forma de variar os estudos de gênero foi o surgimento dos estudos sobre homens e as “masculinidades” (Connel 2016; Nolasco, 1995). Desse modo,

o gênero não é destacado das relações de poder e das questões sócio-econômicas e culturais. A compreensão do gênero não se dá, portanto, a partir de uma visão destacada do indivíduo da sociedade, mas por via do entrelaçamento do diálogo entre momento histórico, biológico e simbólico (Connel, 2016; Hall 2006).

Segundo Wang, Jablonski e Magalhães (2006), nas famílias tradicionais os papéis de gênero eram claros e bem definidos: enquanto as mulheres monopolizavam os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos, o homem encarregava-se do sustento do lar. A partir do movimento de emancipação das mulheres – iniciado pelo movimento feminista americano na década de 1920 - e da entrada das mesmas no mercado de trabalho, os homens foram convocados a refletir sobre sua identidade masculina. Os autores, no entanto, não estabelecem uma relação causal entre a crise da masculinidade e as conquistas femininas; segundo eles, a questão da masculinidade está inserida num cenário mais amplo onde a pluralidade e a singularidade se sobrepõem aos padrões rígidos e estáticos (Purvis, 2019).

O período no qual o homem faz a transição para paternidade, ou mesmo durante a gravidez, pode motivar a descoberta de um novo homem. As maneiras atuais e com vicissitudes mais tênues e menos demarcadas para estabelecer o que é ser mãe e mulher, e ser pai e homem, podem fazer com que os mesmos possam refletir, elaborar e, por fim, reconciliarem-se com suas partes femininas, masculinas e neutras fazendo com que, num ambiente micro, de sua própria casa e dos ciclos familiar e social, possa-se experimentar a queda do patriarcado e suas formas rígidas de ser homem e pai (Badinter, 1996). Sendo assim, trata-se de um momento fértil para investigações pormenorizadas de como esses homens vivem a masculinidade atualmente.

A utilização do termo gênero nas humanidades substitui a noção estritamente biológica da diferença entre os sexos para apresentar uma nova perspectiva sobre essas diferenças, a partir de um ponto de vista que evidencia de que modo essas formas de existência são também moldadas e aprendidas no convívio social. Ao falar da escolha da palavra gênero, Varikas (2014) faz referência à própria gramática, segundo ela em um dado momento, em determinadas línguas, suprimiu-se o gênero neutro que nos permite pensar e contestar a ideia de uma divisão de mundo segundo as diferenças entre masculino e feminino meramente pela diferenciação biológica. O neutro possibilita um ambiente simbólico fluido que permite nuances entre o absolutamente feminino e o absolutamente masculino, permitindo maior flexibilidade e matizes entre essas duas categorias antes estáticas.

Diferentemente de Varikas (2014), Badinter (1992) utiliza-se do conceito de androginia; segundo a autora o “andrógino é duplo” em si mesmo. Ela faz uma pesquisa sobre a origem da palavra andrógeno que vem do grego onde andrós refere-se ao masculino e gynaico indica feminino, ou mulher. Um andrógeno, portanto, não é uma pessoa neutra, feminina ou assexuada. O andrógeno significa a mistura dos dois sexos, reconciliados, o que não indica que o indivíduo seja dotado dos dois sexos biológicos. Do ponto de vista das masculinidades, a androginia não indica indiferenciação sexual, uma sexualidade neutra ou uma assexualidade. A androginia, no caso dos homens, é alcançada após a identificação com o masculino, num segundo tempo onde o homem pode reconciliar-se com a feminidade presente em si mesmo.

A identidade masculina, se comparada com a feminina, passa por questões que envolvem maior complexidade, desde o início da vida e até o seu fim. A

identidade do homem seria marcada muito mais pela negação, ou exclusão, do que por inclusão ou identificação com outrem. Sendo assim, pode-se utilizar a noção de reatividade como um primeiro rompante para a identificação com o masculino, dessa forma, a identidade masculina se faz através de um protesto, através da afirmativa daquilo que não é; apesar de passar mais tempo com a mãe, nas sociedades patriarcais, o menino precisa romper com a feminidade primária presente nele (Stoller, 1978). Além do maior convívio com a mãe, ou com cuidadoras mulheres na primeira infância, geneticamente o menino carrega um cromossomo feminino herdado da mãe. Enquanto as mulheres são XX, ou seja, corporificam o X oriundo do pai e o X oriundo da mãe; os homens têm de lidar com esse duplo legado, feminino e masculino. A identificação com o masculino “duro”, como proposto por Badinter (1992), viril e com suas características femininas amputadas é operada muito mais por uma negativa, ou exclusão de atributos e de traços femininos, do que por uma identificação masculina propriamente dita. Atualmente, grande parte dos homens têm suas identidades amputadas ou de seu legado feminino, negando qualquer comportamento tido como feminino identificando-se assim com masculino através da negação do feminino, ou de seu legado masculino, a partir do momento em que uma certa masculinidade tóxica e hegemônica começa a ser denunciada, fazendo com que grande parte dos homens neguem partes importantes de sua masculinidade. Hoje se faz necessário reconciliar X e Y, ou seja, o legado masculino e o feminino presente nos homens (Badinter, 1992).

Segundo Eerola e Mykkanen (2013), a parentalidade é uma instância muito influenciada pelas concepções de gênero de determinado momento histórico. De acordo com as autoras, há uma tendência contemporânea de explorar

a paternidade como expressão da masculinidade, considerando uma forte relação entre as duas instâncias. Tornar-se pai reverbera invariavelmente na masculinidade do homem, e vice-versa. Fein, no final da década de 1970, com o advento dos questionamentos acerca da masculinidade, apresentou um dos primeiros estudos sobre masculinidade e paternidade, a partir da compreensão de que com a passagem para a paternidade os questionamentos sobre gênero ficam mais sobressaltados. O autor apresenta três perspectivas sobre a paternidade, empregadas ao longo da história. O pai tradicional, como proposto por ele, é marcado principalmente pela distância afetiva e distância dos assuntos relacionados ao lar. Ocupa-se principalmente com sua atividade laboral, sendo o único provedor da família. Nessa configuração o pai serve de suporte para a mãe poder ocupar-se inteiramente com os afazeres domésticos e com o cuidado dos filhos. O pai moderno é um pouco mais próximo dos filhos, preocupando-se principalmente com o desenvolvimento moral e desempenho acadêmico dos mesmos. O pai emergente, por sua vez, é marcado pela noção de que homens são capazes de cuidar de seus filhos de maneira ativa e participativa, saindo de uma posição secundária no que diz respeito a todas as tarefas relativas ao cuidado de sua prole (Fein, 1978).

Atualmente, diversos estudos têm focado especificamente na transição para a paternidade, alguns desses estudos têm a especificidade de analisar a paternidade de um ponto de vista através do qual se investigue como indivíduos do gênero masculino passam por essa fase e como essa passagem reverbera em suas identidades. As mudanças nas sociedades contemporâneas são profundas e impactam na consolidação de diferentes identidades de gênero e, conseqüentemente, nos modelos familiares cada vez mais diversos e peculiares.

Nesse panorama mais atual, plural e flexível, os homens, em especial os mais jovens, passam a questionar os modos tradicionais de masculinidade e, por conseguinte, de paternidade e reivindicam maior participação nos cuidados dos filhos. As expectativas sobre esse novo pai também têm se sofisticado e crescido de maneira expressiva. Hoje, espera-se um pai mais participativo, apesar de ainda serem os principais provedores da casa. O homem se depara com o grande desafio de exercer múltiplas tarefas que reverbera na sua identidade como um todo e, também, em sua identidade de gênero. Os modelos tradicionais ainda coexistem com as novas paternidades, o que torna o processo de tornar-se pai ainda mais complexo e desafiador. As práticas e significados dados a paternidade são profundamente influenciados por questões do gênero masculino, uma vez que o homem se remete à identidade masculina de seu próprio pai e às suas práticas no ambiente familiar (Crespi e Ruspini 2015; Lamb, 1992; Gabriel e Dias, 2011).

Segundo Krob, Piccinini e Silva (2009), a transição para a parentalidade envolve também uma série de mudanças nos papéis sexuais dos pais e na relação conjugal. Para tanto, faz-se necessária uma profunda transformação psíquica para que o bebê seja incluído na dinâmica familiar incipiente. Os autores destacam o caráter de irreversibilidade dessa transição para uma função que exige compromisso permanente e integral. Dessa forma, escolheu-se o momento da transição para a paternidade como período fecundo para a investigação proposta acerca das transformações na masculinidade. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo investigar como os pais estão vivenciando as mudanças na masculinidade na transição para a paternidade.

Método

Foi realizado estudo qualitativo de caráter exploratório.

Participantes

Participaram do estudo 8 sujeitos do sexo masculino, heterossexuais, primíparos, casados ou em relação estável com a companheira, que tenham filhos com idade entre seis meses e três anos, membros das camadas médias cariocas.

Instrumentos e procedimentos

Foram realizadas entrevistas presenciais com roteiro oculto semi-estruturado, contemplando temas relevantes aos objetivos aqui propostos, tais como: vivência da masculinidade na transição para a paternidade e a construção da identidade masculina contemporânea. Os participantes foram selecionados através da rede de relacionamento da pesquisadora. Todas as entrevistas foram realizadas pela própria entrevistadora e foram integralmente gravadas e transcritas.

Procedimentos éticos.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade onde foi desenvolvido e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com o uso dos dados coletados para fins de pesquisa e publicação científica.

Análise dos dados

Para a análise do material obtido foi utilizado o método de análise de conteúdo como proposto por Bardin (2010), em sua vertente categorial.

Posteriormente, os resultados obtidos foram discutidos a partir da literatura pertinente. Das falas dos entrevistados emergiram três categorias de análise:

Masculinidades em transformação: identificações e rupturas com os genitores,

Identidade masculina: a questão dos gêneros e Feminismo e suas reverberações nas masculinidades.

Resultados e Discussão

Masculinidade em transformação: identificações e rupturas com os genitores

Diante da questão apresentada acerca do que é hoje ser homem, os participantes apresentaram certa hesitação para responder ou dar algum sentido para a própria masculinidade, reagindo com surpresa à questão apresentada pela pesquisadora.

“Ser homem? Como assim?”(entrevistado 3)

“não sei se entendi a pergunta... não sei como eu me sinto como homem”(entrevistado 2)

A surpresa dos entrevistados aproxima-se das postulações de Badinter (1992), justamente quando ela conceitua o que denominou como “homem mole”, um homem que nega de certa forma sua masculinidade, não se identificando nem com o modelo viril comum às sociedades patriarcais e nem com o “homem reconciliado”, ou seja, aquele que pode conviver combinando seu legado feminino, proveniente da mãe e o masculino, herdado do pai. Dessa forma, a questão do gênero fica esvaziada e pouco palpável. Podemos também aproximar as falas ao que Varikas conceitua como neutro, ou seja, um território semântico que permite maior fluidez entre os gêneros.

A maioria dos participantes, assim como na fala destacada a seguir, pôde responder à questão sobre o que é ser homem através da dimensão da paternidade, remetendo-se aos próprios pais e ao modo como vivenciam a paternidade e a masculinidade, diferenciando -se ou não dos seus genitores.

“Não existe um manual... eu e minha esposa cuidamos dele de uma forma muito diferente dos nossos pais [...] Por exemplo, o que eu acho... na minha famílias especificamente e na da minha esposa, o ambiente era extremamente autoritário, muito mais rígido. No meu não tinha... às vezes parecia que tinha um pouco mais de liberdade em algumas situações, mas meu pai é uma pessoa muito dura com algumas coisas, grita muito berra muito, é muito grosseiro, ele é até muito tranquilo com algumas coisas. ...pode ir, pode sair, te dá uma certa liberdade. Mas ele é uma pessoa muito rude no trato, então tinha isso, muitas grosserias e tal .. muitas imposições. Com meu filho a gente faz muito diferente disso. ...mas isso foi uma coisa trazida pela minha esposa, essa forma diferente de criar ele. Uma forma de criar com mais autonomia, mais participação, mais escolhas. [...] Ah, sim... as vezes eu me percebo fazendo algumas coisas...[..] Aí que briguei com ele, brigue até meio pesado... e aí eu não percebi naquela hora... aí depois pensei que é um tipo é uma reação muito característica da criação que eu tive. Aí eu conversei com a minha esposa e ela disse que ele não fez aquilo de propósito, não fez aquilo pra te afrontar, isso não existe....] Com meu filho a gente faz muito diferente disso....mas isso foi uma coisa trazida pela minha esposa, essa forma diferente de criar ele. Uma forma de criar com mais autonomia, mais participação, mais escolhas.”(entrevistado 1)

Os dados encontrados confirmam as postulações feitas por Eerola e Mykkannen (2013) que consideram uma profunda intersecção entre as instâncias paternas e masculinas. Vão também ao encontro de resultados de pesquisas

anteriores, como a de Reginato e Dias (2011), e seus achados que demonstram que na transição para a paternidade os novos pais revisitam a paternidade dos próprios pais, para repetirem seus acertos e diferenciarem -se de seus erros como pais e homens, levando-se em conta a grande intersecção entre as duas instâncias. Sobre o modo de criar e educar o filho, o entrevistado 1 demonstra que se diferencia de seu próprio pai. Fica evidente que o participante tenta diferenciar -se, principalmente na questão do autoritarismo e afastamento afetivo, dos pais e homens daquela época que eram muito marcados por uma virilidade exacerbada. Aproxima-se do modelo de “pai emergente” postulado por Fein (1978), ou do “novo pai”, proposto por Lamb (1992): um pai e um homem mais atuante tanto afetivamente quanto nos cuidados diários com os filhos, demonstrando a capacidade masculina de ser também cuidador. Nota-se também, a partir da fala destacada, a possibilidade de o entrevistado ponderar sobre sua experiência como filho e sobre o modelo parental e de masculinidade adotado pelo seu pai. A partir dessa reflexão, o homem pode operar uma reparação subjetiva de sua experiência como filho e homem, para que possa proporcionar ao seu filho uma criação diferente da sua (Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004).

Entre os participantes, o único entrevistado que teve facilidade em responder o que para ele é ser homem, sem demonstrar surpresa ou hesitação diante da questão, foi o entrevistado 8 que declarou identificar -se com seu pai como homem e também com a maneira de comportar -se em família, valorizando mais a esfera profissional.

“O que eu... meu pai foi um bom exemplo disso mesmo e eu quero ser... junto com que eu tento ser... o que eu quero ter um sucesso bom profissionalmente, junto com finalmente, óbvio, atrelado... e que

eu consiga dar uma atenção boa em casa... [...] vejo muito o exemplo dos meus pais assim, mas só me lembrando um pouco, me equilibrando um pouco mais, com algumas tarefas em casa é, [...]mas tendo meu lado profissional mais importante e tendo o lado familiar dela mais importante. Sim, valoriza mais. Tempo dedicado a B, ela valoriza mais, dá beijo na Bia, ela dá mais valor a esses momentos com ela do que eu, (risos).” (entrevistado 8)

A narrativa do entrevistado 8 aproxima-se do conceito de pai tradicional proposto por Fein (1978), um homem que valoriza mais o papel de provedor situando-se mais na esfera pública, enquanto a mulher ocupa -se mais da esfera privada e das questões relacionadas ao lar.

Identidade masculina: a questão dos gêneros

“No colégio, na oitava série, você tinha que escolher se você ia para área tecnológica, ciências humanas ou biomédica. Biomédica eu sabia que cara não vou fazer medicina, não vou fazer num vou fazer nada de biomédica. Ciências humanas eu nunca cogitei ir, porque tinha aquela coisa de quem faz ciências humanas é veado, e naquela época década de 80, 90 você é um adolescente em formação você tá suscetível a essas coisas... se é hoje em dia, com a cabeça de hoje eu vou fazer essa porra, vou bancar. Veado é a puta que lhe pariu...”(entrevistado 5)

O participante relata que ao procurar referências para ajudá-lo na escolha profissional, houve uma grande preocupação com uma escolha de profissão que lhe permitisse ser o provedor da casa, seguindo a demanda de seu pai no sentido que ele fosse também um pai nos moldes tradicionais tal qual propostos por Fein

(1978) e Lamb (1992). As outras profissões foram colocadas num limbo intocável de áreas tidas como femininas ou homossexuais. Tentando provar sua masculinidade através da negativa daquilo que é feminino ou híbrido, o entrevistado opta por uma profissão tida como masculina, a engenharia. A fala corrobora também as postulações de Connell (2016), que concebe as mudanças nas masculinidades a partir de suas relações com as mudanças sócio-econômicas, culturais e políticas. O gênero não é algo destacado da realidade sócio-histórica e não está apartado da realidade política do mundo. Segundo a autora, existe hoje uma há uma série de contratos implícitos nas relações de gênero, culminando em novas formas de masculinidades e, por conseguinte, de feminidades.

“(pausa) fora as características fisiológicas eu não vejo nada de especial, nada. A gente estava discutindo sobre isso há pouco tempo,”
(entrevistado 1)

“eu não penso muito em gênero não. Eu não acho que .Eu sou uma pessoa. Eu acho que o pensamento não precisa ser diferente do de outra pessoa por eu ser homem, olha eu sempre tive um contato maior. Na verdade, não contato maior, mas uma afinidade maior com o Feminino, ou seja, com mulheres, do que com masculino.”
(entrevistado 3)

Nas falas destacadas, fica evidente a falta de diferenciação entre os gêneros, corroborando as postulações de Badinter (1992) e Varikas (2016). Na fala do entrevistado 3 nota-se maior facilidade em identificar -se com características femininas do que com as masculinas, deixando de certa forma de lado seu patrimônio histórico e identitário paterno. Se olharmos a partir do ponto de vista das postulações de Varikas (2016), a fala destacada exemplifica bem o

que a autora chama de neutro, ou seja, um ambiente que permite maior fluidez entre masculino e feminino transcendendo a diferenciação biológica dos sexos.

Na fala do entrevistado 6, podemos perceber uma certa denúncia de uma visão de gênero que favorece a falta de diferenciação entre masculino e feminino. Embora aceite em outros momentos de sua narrativa que certa flexibilização seja benéfica para o funcionamento familiar.

“Ser homem hoje... Eu não tenho outra referência né (risos). Eu acho que existe um problema hoje, eu vou dar a minha impressão. Eu acho que tem um problema hoje na sociedade com a masculinidade, eu acho que existem reservas ao homem ser homem: heterossexual, macho... Minha impressão é essa, assim, a masculinidade ser muito assolapada, permanente. Influi nisso movimentos feministas extremistas, movimento LGBTQ, todas essas coisas contribui para que o homem macho, heterossexual seja visto como uma ameaça, um problema. Não vou me limitar a falar que homem tem que ser homem, porque assim eu sei da minha parte, o que eu faço na minha casa tradicionalmente já foi visto como papel de mulher e isso não me afeta, não afeta minha masculinidade...” (entrevistado 6)

A fala do entrevistado 6 aproxima-se do que Badinter (1992) chama de “homem mutilado”, ou o homem que não consegue conciliar e aceitar seu legado masculino proveniente do pai, e feminino, proveniente da mãe. O participante coloca essa impossibilidade num certo tipo de ideologia de gênero que acaba por mutilar a masculinidade do homem, uma vez que concebe o masculino como essencialmente opressor e, portanto, negativo (Badinter, 1992; Guenther et. Al 2018). Em outro momento de sua narrativa, o entrevistado explicita o valor da

maior flexibilidade de funções maternas e paternas que eram, em gerações passadas, muito demarcadas pelo gênero.

“Com certeza... Então a gente tentou dividir essa coisa do banho, aí quando eu tô em casa, e posso também, dou a comidinha dele. A gente tá tentando fazer que quinta-feira eu fique mais com ele né, com exceção de hoje. Ai ele faz natação, eu levo pra natação, essa semana eu já levei na terça-feira. Mas assim, acho que não tem nada que eu não faça, sempre que to em casa pergunto pra P o que precisa, se já é pra dar banho, dar comida...”(entrevistado 6)

Feminismo e suas reverberações nas masculinidades

A questão do feminismo e suas implicações nas transformações vividas na masculinidade e na sociedade como um todo surgiu de maneira espontânea no decorrer das narrativas dos participantes.

“ Não, isso tá rolando. Tá rolando, mulheres em posição de comando da pesada! Até porque a gente tá entrando em outro aspecto social assim... mulher em comunidade sempre foi figura de autoridade... sempre teve esse negocio de respeitarem a tia, respeitarem a mãe, entendeu? É a avó que pega o cara na boca e enche ele de porrada e ninguém vai fazer nada. Não sei como está isso agora, mas nos tempos em que eu trabalhava com pesquisa social tinha muito isso, a tia num sei que é respeitadíssima. Tá tendo isso, mas isso é uma outra expectativa. Mas existe um machismo que é mais tox... os dois são tóxicos da mesma maneira, um é mais agressivo em comunidades mais pobres, mas em meio de mais dinheiro existe um machismo mais sofisticado que é tão tóxico e tão agressivo quanto, que é mais sutil

que é a coisa do poder econômico. Eu te banco, faço questão...”(entrevistado 5)

“É, isso é um peso, esse peso ainda existe. Aí é que tá, essas mudanças.... você colocar. . qualquer mudança social leva um tempo pra acontecer. São muitas e muitas décadas pra você ir sentindo as mudanças, a mudança é muito devagar. A gente ficou um tempo na Noruega, depois na Europa. A sociedade norueguesa é muito mais igualitária, se você voltar atrás, os Vikings, você vê que lá em mil D.C já tinha mulher que ia pra porrada, pegava escudo e espada e ia pra guerra. Tem uma cultura diferente lá que vem lá de trás e é muito diferente, onde a mulher tem mais espaço, lá a mulher já tinha mais voz, e por mais que veio o cristianismo, deu uma murçada nisso e botou a mulher mais fechada, com muitas idas e vindas eles tinham a figura da rainha muitas vezes muito poderosa. Isso gera um olhar diferente pro feminino e um olhar diferente pro masculino. Hoje a Noruega se você estudar é muito diferente nesse aspecto, os homens tem licença maternidade acho que até os quatro meses. [.] Acho muito legal pensar a masculinidade, acho que deve ter poucos estudos nesse sentido. Acho que não tem mais essa homogeneidade, ela foi sendo quebrada e vai continuar sendo quebrada devagarinho.[..]

“(entrevistado 1)

Nas falas destacadas podemos perceber a importância de situar certas dinâmicas em determinados lugares e contextos sociais. O entrevistado 5 diz que, apesar de ter vivido como classe média, percebe que há uma masculinidade

hegemônica, em alguns territórios, no próprio Rio de Janeiro, onde mulheres ocupavam e ocupam posições de autoridade e comando, ao mesmo tempo em que existia e ainda persiste concomitantemente um machismo tóxico. Nas falas destacadas podemos perceber a importância da historicidade, da geografia, da territorialidade e até das mitologias no estudo de gênero, corroborando com as postulações de Connell (2016) e Varikas (2016). Analisar a história social, política e econômica, e até seus mitos, é de suma importância para uma compreensão pormenorizada sobre as relações de gênero. Na fala destacada a seguir, o entrevistado 3 demonstra sua recusa em identificar-se com um certo tipo de modelo masculino imposto pela cultura e pela religião judaica, onde a figura do homem provedor ainda é muito forte nos meios mais conservadores. Há uma forte crítica, por exemplo, à falta de líderes comunitárias mulheres no meio judaico, do qual tem ascendência, porém não faz parte tanto comunitária quanto religiosamente.

“Eu também sou filho de mãe judia, meus avós fugiram da Polônia da guerra, Meu avô fez barmitzva no navio. Então porque que estou falando isso, Porque eu acho que existe machismo muito grande dessa época. Na própria região É que você carrega isso culturalmente, mesmo seguindo outro caminho espiritual. Você carrega isso. Eu não estudei em colégio judaico, Sou de Niterói eu mandei pro Rio com 18 anos, Então até pra ter uma penetração na comunidade judaica era muito complicado porque é muito fechado. Então assim, As pessoas chegaram em mim falaram você é quem, Filho de quem, Estudou com quem? Então no judaísmo existe muito protótipo do homem provedor, Até o rabinato, nós temos rabinos e não rabinas. “ (entrevistado 3)

Considerações finais

Considerando-se os objetivos propostos para este estudo, pretendeu-se compreender a experiência subjetiva de ser homem na transição para a paternidade. Os resultados indicam que o processo de passagem para a paternidade leva a uma maior reflexão sobre as relações de gênero e, portanto, sobre a masculinidade. Nessa fase do ciclo vital, torna-se necessário para os pais repensar o masculino e o feminino, revisitando os referenciais que tiveram em suas famílias. A partir destes, os pais consideram com o que desejam romper, e o com o que desejam se identificar, como pais e como homens. Inicialmente, percebeu-se grande dificuldade dos pais responderem à questão proposta pela pesquisadora sobre como se sentem como homens. A maioria dos entrevistados esboçou algo semelhante a um susto, posteriormente, puderam falar sobre a masculinidade através do relato da paternidade dos seus pais, de como eles se comportavam como pais e homens, e a partir desse referencial puderam identificar-se ou não com diversos aspectos. Pôde-se perceber maior flexibilização dos papéis de gênero, em que os homens puderam se afastar dos modelos mais tradicionais e estáticos, caminhando para uma maior fluidez entre o masculino e o feminino. Todos os entrevistados consideram que estão vivendo uma transformação do masculino, que diz respeito aos papéis de gênero em geral. Consideram-se em sua maioria equiparados às mulheres e retratam que as diferenças são apenas corporais e fisiológicas. Sendo assim, e a partir dessa ótica igualitária, tanto a mulher é capaz de ser provedora e cuidadora, quanto o homem é capaz de exercer seus papéis parentais e de provedor de maneira cada vez mais flexível.

Vale ressaltar que os sujeitos dessa pesquisa são todos das camadas médias cariocas, sendo assim, não se pretende que os resultados aqui apresentados

sejam generalizados, mas dizem respeito a um certo contexto, num determinado tempo e espaço. Sugerimos futuras investigações com participantes de outros segmentos sociais para que se investigue como os homens estão vivenciando a masculinidade e a transição para a paternidade em tais segmentos.

3. O pai contemporâneo: vicissitudes do processo de tornar-se pai

Resumo

O presente estudo faz parte de uma pesquisa extensa sobre a experiência subjetiva da paternidade e da masculinidade em pais primíparos, e tem como objetivo investigar como os pais estão vivenciando o processo de transição para a paternidade. Para isso, foi realizado um estudo qualitativo no qual foram entrevistados oito homens primíparos, das camadas médias cariocas, com filhos entre oito meses e três anos, heterossexuais, casados legalmente ou não. Os resultados foram analisados segundo o método de análise do conteúdo em sua vertente categorial. Para atingir os objetivos aqui propostos, serão apresentadas e discutidas as seguintes categorias de análise: *pré-história da paternidade: o desejo de ter filhos; repercussões da parentalidade no relacionamento conjugal e, envolvimento paterno*. Os resultados indicam que na atualidade há maior engajamento paterno no processo de transição para a parentalidade. Os participantes demonstraram maior participação no planejamento e desejo de filhos, e nas tarefas cotidianas implicadas nos cuidados parentais. Constatou-se também reverberações da transição para a parentalidade no relacionamento conjugal.

Palavras-chave

Paternidade, envolvimento paterno; conjugalidade; desejo de filhos.

Abstract

Based on the present study, we aimed to investigate the subjective experience of fatherhood and masculinity of primiparous fathers during their transition to fatherhood. To this end, a qualitative study was conducted by

interviewing eight primiparous men from Rio de Janeiro who belong to the middle-class, have a child aged between eight months and three years, are heterosexual and are married (formally or otherwise). The results were analyzed according to the content analysis method and its categorical aspect. To achieve the set goals, the following analysis categories were discussed: *Masculinities in transformation: identifications and ruptures with parents; Male identity: the issue of gender; Feminism and its reverberations on masculinity; Prehistory of fatherhood: the desire to have children; Repercussions of parenting on the marital relationship; and Paternal involvement*. Most participants believe that today, there is greater fluidity between the male and the female gender, which also reverberates on parenting and conjugality and makes them more egalitarian. Participants' statements also reveal increased paternal involvement throughout the entire process of becoming a father, from planning and desiring a child to physical and emotional care. It was further observed that parenting also impacts the marital relationship, as issues related to the parental subsystem seem to affect the conjugal one as well.

Keywords

Parenting, conjugality, masculinity, gender, paternal involvement

A transição para a parentalidade representa um momento de grande transformação em diversos níveis tanto familiar, trazendo reverberações na família de origem e na família ampliada, como na esfera conjugal e intrapsíquica. Trata-se de uma transformação que abrange o sistema familiar como um todo, fazendo com que seus membros tenham de negociar tarefas e reorganizar papéis (Carter & McGoldrick, 2001). Segundo Houzel (2014), trata-se de uma crise identificatória, na qual os sujeitos confrontam-se com transformações profundas em suas personalidades. O autor salienta que o processo de tornar-se pai implica mudanças em níveis consciente e inconsciente e também na relação conjugal e com a família ampliada.

Os arranjos familiares na contemporaneidade são marcados por metamorfoses constantes, rápidas e permanentes onde a própria noção de tempo e espaço é transformada pelo processo de globalização. Essas mudanças podem ser observadas também nas várias formas de funcionamentos familiares, ou seja, as transformações sociais reverberam nas famílias e nos modos cada vez mais diversos de identidade e existência. Para Singly (2007), as famílias contemporâneas têm a marca da afetividade em detrimento dos arranjos de épocas anteriores marcados por interesses públicos. Nesse panorama, a possibilidade de escolha surge como possibilidade nunca antes vista.

Giddens (2013) ressalta que as esferas que sofrem maiores transformações na contemporaneidade são a sexualidade, o casamento e a família; neste sentido, próprio modo como pensamos nós mesmos e criamos vínculos acaba sendo modificado. De acordo com o autor, a família tradicional era principalmente uma unidade econômica, onde todos os membros da família eram incluídos nas atividades de trabalho, principalmente na agricultura. Nas classes mais abastadas,

as uniões conjugais eram baseadas na transmissão de patrimônio e poder. No que tange às relações de gênero, havia uma intensa desigualdade entre homens e mulheres. Tanto as mulheres quanto as crianças eram desprovidas de direitos sendo submetidas a um poder patriarcal. Conforme o autor, atualmente, o afeto se torna a base do casamento, em oposição ao modelo de união matrimonial da família tradicional, onde a intimidade não era valorizada. Os relacionamentos na contemporaneidade são baseados na “comunicação emocional” dos membros numa configuração familiar cada vez mais democrática e horizontal.

O termo parentalidade, segundo Zornig (2010), passou a ser utilizado na literatura psicanalítica francesa a partir da década de 60, para referir-se à dimensão processual envolvida na relação entre pais e filhos. O termo demarca o aspecto de construção da parentalidade em oposição a algo puramente biológico, enfatizando os processos psíquicos e as mudanças subjetivas ocorridas no casal parental. O sufixo “dade” no termo parentalidade, segundo Solis-Ponton (2014) indica a noção de estudo, sendo assim, a autora define parentalidade como “estudo dos vínculos de parentesco e dos processos psicológicos que se desenvolvem a partir daí”.

Zornig (2010) salienta que apenas a partir do século XVIII, com a ascensão do discurso iluminista e com a influência do romantismo, a dimensão afetiva passa a ser valorizada nos relacionamentos e, conseqüentemente, os arranjos familiares passam a depender de uma escolha muito mais individualizada, baseada em afetos ao invés de aspectos externos proeminentemente econômicos. A contemporaneidade traz um rompimento na relação obrigatória entre conjugalidade e parentalidade. A parentalidade, portanto, deixa de ser o principal objetivo de uma família que passa a se apoiar cada vez

mais na reciprocidade afetiva. A ruptura entre essas duas dimensões, somada à queda de valores rígidos e estáveis de uma família tradicional indicam que o exercício da parentalidade não está estabelecido a priori, apoiando -se em aspectos de cunho biológico ou na transmissão do patrimônio familiar. Evidencia -se assim a dimensão do desejo e a história infantil de cada um dos pais como os principais fatores para a decisão de se ter um filho.

A parentalidade pode ser também definida como processo de tornar -se pais a partir do parentesco biológico ou não. Segundo Lebovici (Solis-Ponton & Lebovici, 2014), a parentalidade vai além do fato de ser genitor. Trata -se de um processo psíquico que se inicia ainda antes da gestação, na relação dos pais com um bebê imaginário, portador de uma história familiar intergeracional. De acordo com o autor, em termos narcísicos, os pais precisam demonstrar esse desejo para o filho, de modo que ele possa se sentir protegido e nutrido por ele. Dessa forma, salienta-se o papel crucial do desejo pela criança no processo de transição para a parentalidade. O processo implica que os pais trabalhem psicologicamente o fato de serem herdeiros geracionais de uma história transmitida pelos seus pais, história essa onde terão de inscrever a sua própria criança. Segundo Solis -Ponton, o que será transmitido transgeracionalmente é justamente a l embrança dos cuidados parentais, suas regras e seus interditos que são fundantes da vida psíquica.

De acordo com Machado, Féres-Carneiro e Magalhães (2015), a parentalidade envolve os vínculos de parentesco e os processos de reorganização psíquica experimentados por cada um dos pais, a partir da atualização do desejo de se ter um filho. Para se transformarem pais, cada um deve renunciar ao seu lugar exclusivamente de filho, dando espaço a uma identificação com a função

parental. Segundo Krob, Piccinini e Silva (2009), a transição para a parentalidade envolve também uma série de mudanças nos papéis sexuais dos pais e na relação conjugal. Para tanto, faz-se necessária uma profunda transformação psíquica para que o bebê seja incluído na dinâmica familiar incipiente. Os autores destacam o caráter de irreversibilidade dessa transição para uma função que exige compromisso permanente e integral.

De fato, a transição para a parentalidade constitui-se como um dos acontecimentos mais marcantes no ciclo de vida da família. Nela, os novos pais devem passar por uma profunda reestruturação psíquica para que possam exercer seus novos papéis e funções. Carter e Mcgoldrick (2001) definem família como um sistema que se move através do tempo, sendo que o desenvolvimento individual de cada membro da família dar-se-á no contexto do ciclo de vida familiar que constitui o cenário primário do desenvolvimento humano. Na transição de um estágio para o outro do desenvolvimento familiar, a família deverá negociar papéis e tarefas para que seja possível sustentar a entrada, a saída e o crescimento de cada um de seus membros. De acordo com as autoras, há uma maior incidência de estresse nas famílias nos momentos de transição de um estágio para o outro do desenvolvimento familiar.

Segundo Hoffman (1995), as mudanças familiares geralmente não se dão de uma maneira suave e contínua, mas através de saltos. A tarefa da família é de preparar seus membros para serem independentes e capazes de formarem seus próprios núcleos familiares. Ocorre, portanto, o que a autora chama de “troca de guarda multigeracional”, onde os grupos mais velhos tornam-se secundários, cedendo o poder para os mais novos que repetirão o processo com a próxima geração e assim por diante. Segundo as autoras, tanto a perda quanto a adição de

novos membros à família podem gerar estresse e sintomas nos indivíduos e no sistema familiar como um todo.

A transição para a parentalidade envolve aspectos biológicos, sociais e psicológicos. Esse processo envolve modificações no equilíbrio de diferentes esferas da vida, como trabalho, vida social e família. Segundo Bradt (1995), nenhum outro estágio do ciclo de vida familiar envolve transformações tão profundas no núcleo familiar e na família ampliada quanto o nascimento de um filho. Segundo Jager e Bottoli (2011), esse processo também pode envolver mudanças profundas na personalidade de cada um dos membros do casal. É muito comum que no período entre a chegada da primeira gravidez e o período do puerpério ocorram alguns desajustes. Constata-se um número cada vez maior de separações nesse período. Dentre outros motivos, isso se dá na medida em que o investimento psíquico, antes totalmente direcionado para a dinâmica marido - mulher, precisa se reorientar para poder abarcar uma configuração ainda embrionária, a dimensão pai-filho. Segundo Zornig (2010), esse processo inicia-se ainda antes da gestação de um filho, remontando à infância de cada um dos pais, a suas fantasias e ao cuidado que receberam de seus cuidadores.

No que diz respeito à conjugalidade, de acordo com Hernandez e Hutz (2009), a transição para a parentalidade pode resultar num momento de grande crise conjugal com importante aumento dos conflitos. Segundo os autores, as desigualdades na divisão das tarefas e funções podem influenciar no incremento dos conflitos entre os membros do casal. Segundo Hameister, Barbosa e Wagner (2015), diversos estudos indicam uma forte relação entre satisfação conjugal e a qualidade do exercício da parentalidade. Trata-se de um efeito denominado “spillover” no qual o estado emocional proveniente da relação conjugal transborda

para o relacionamento parental e vice e versa. Sendo assim, uma baixa qualidade da vida conjugal tende a impactar negativamente no exercício da parentalidade e na relação com os filhos, indicando uma permeabilidade entre as esferas da conjugalidade e da parentalidade. Por outro lado, uma boa interação conjugal interfere positivamente na parentalidade e parece ser um fator protetor para o crescimento e desenvolvimento dos filhos. Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) e Dantas, Féres-Carneiro, Mello e Ziviani (2017) sustentam que há uma interdependência entre conjugalidade e parentalidade, sendo as duas dimensões centrais nos processos de constituição do psiquismo familiar e nos processos de subjetivação de cada membro da família. O filho, de acordo com os autores, torna-se central na formação de uma identidade compartilhada do casal na medida em que representa seu projeto central através do qual será dada a continuidade familiar. Dessa forma, os dois subsistemas estão intimamente ligados.

Tendo em vista a fluidez e a complexidade das relações de gênero contemporâneas, o pai que antes tinha uma identidade sólida e bem diferenciada, desempenhando a função de provedor e disciplinador da família, passa a exercer diversas outras atividades. Durante, e após, a transição para a parentalidade, o homem deve ocupar diversos lugares simultaneamente.

Para Silva, Gabriel, Cherer e Piccinini (2017), o interesse pelo tema da paternidade é relativamente recente, com pouca produção se comparada com a produção sobre a maternidade. O que havia de produção levava em conta um modelo de pai tradicional, visto como provedor e, então, sobre sua importância simbólica no contexto familiar. Antigamente havia um maior distanciamento entre o público e o privado, sendo a esfera pública por excelência espaço masculino e a privada, feminina. Segundo os autores, o movimento feminista foi decisivo para

estabelecer novos modos, mas flexíveis, nas diferenças de papéis sexuais. A entrada da mulher no mercado de trabalho convocou os homens a flexibilizarem o papel masculino, suas práticas e identidades. Se antes os estudos sobre o envolvimento paterno tinham um enfoque em sua ausência e possíveis repercussões no desenvolvimento dos filhos, hoje estuda-se o envolvimento paterno, levando em conta três eixos propostos por Crespi e Ruspini (2015). Segundo estas autoras, a demanda de múltiplos papéis desafia fortemente a identidade masculina, a relação do homem com seus próprios pais e o sentido que o trabalho ocupa em sua vida. O significado e o exercício da parentalidade estão intimamente ligados com a identidade de gênero, com a relação mantida com o próprio pai e pela qualidade relacional que teve com a parceira durante e depois da gravidez. Ao compartilhar os cuidados do lar e dos filhos com a sua parceira, o homem pode retificar a experiência de paternidade vivida com o seu próprio pai e construir novas possibilidades de ser pai e homem. Vale ressaltar que os pais contemporâneos vivenciaram uma filiação de pais tradicionais, presos a um modelo mais rígido e distanciado, onde o homem era provedor e disciplinador e a mãe cuidadora afetiva. Ao experimentarem eles mesmos uma paternidade onde a afetividade é encorajada, assim como a proximidade de contato, podem construir, estabelecer novas formas de paternidade e masculinidade, na qual ocorre uma dissolução do papel paterno tradicional.

Dantas et. al (2004) defendem que há uma demanda crescente da sociedade por um pai mais participativo e envolvido no cuidado dos filhos. Ao mesmo tempo, a própria identidade masculina se reconfigura, saindo de uma posição rígida de um homem marcado pela virilidade, pelo distanciamento emocional e pelo autoritarismo, para dar espaço a um homem mais sensível e

próximo dos filhos. Segundo os autores, porém, essas mudanças estão mais circunscritas no campo das atitudes. O movimento de emancipação feminina provocou efeitos na população masculina que podem ser divididos em duas dimensões: a dimensão das atitudes e a dimensão dos comportamentos. A principal transformação, de acordo com os autores, se deu na primeira delas. Os homens estão, de fato, cada vez mais interessados com o cuidado e com a educação dos filhos. No que diz respeito ao comportamento, porém, essa divisão ainda não é igualitária, fazendo com que as mulheres ainda se sintam de certa forma sobrecarregadas.

Em revisão de artigos empíricos sobre temas relacionados à paternidade, notou-se que a compreensão da mesma tem sofrido transformações ao longo do tempo. Diversos fatores já citados anteriormente indicam que há uma crescente convocação de um homem mais participativo nos cuidados físicos e afetivos de seus filhos (Vieira et al., 2014). Os autores citam o conceito postulado por Pleck e Pleck (1997) de pai cogenitor; trata-se de um pai mais participativo no desenvolvimento dos filhos, nos cuidados e na educação em geral. Trata-se de um conceito amplamente aceito nos estudos sobre paternidade até os dias atuais, dando subsídios para diversas pesquisas.

Na contemporaneidade, o número de famílias nas quais ambos os pais trabalham fora de casa tem causado profundas alterações no funcionamento das mesmas, modificando papéis e funções parentais. Trata-se de pensar e teorizar sobre o estatuto e o lugar do homem na família diante das transformações familiares vividas na contemporaneidade. Diversos estudos apontam a importância da participação paterna no desenvolvimento dos filhos, assim como no sistema familiar. De acordo com Souza e Benetti (2009), a figura do pai de

outrora limitada ao papel de provedor passou a abranger práticas que apontam para maior implicação afetiva com os filhos e a família. As autoras apontam que essa transformação se dá a partir de novas expectativas e crenças acerca dos papéis de gênero dentro da família e da sociedade como um todo. Há uma emergência de uma nova noção em relação aos pais, na qual o trabalho deixa de ser aspecto central na vida dos homens, abrindo espaço para envolver-se mais com os filhos e com a família.

Historicamente, o desejo de filhos ficou atrelado às mulheres, havendo poucas investigações acerca dessa temática com homens. Segundo Rodríguez, Pérez e Salguero (2010), o processo de construção da paternidade baseia-se em diversos aspectos, sendo eles sociais, a própria história dos pais e diversas questões culturais e históricas. Na contemporaneidade, os sentidos dados à paternidade não são dados exclusivamente pelo ato de procriar, mas também por um processo de apropriações da cultura e da sociedade na qual as práticas parentais se inserem e são influenciadas. Nesse contexto, em que a dimensão individual e a afetiva recebem um relevo especial, os arranjos familiares típicos de outros momentos históricos, nos quais a instância afetiva era quase que ignorada, dão lugar a outras dinâmicas familiares que nos permitem refletir não apenas sobre a escolha amorosa, mas também sobre o próprio desejo de filhos. Embora existam diversas investigações sobre a temática do desejo ou não de filhos em mulheres, a produção sobre o tema em homens ainda é escassa.

Diante do panorama apresentado, de crescentes transformações nas identidades em geral que estão cada vez mais pautadas no individualismo, das relações de gênero, cada vez mais igualitárias e do funcionamento familiar e suas

configurações, o objetivo deste estudo é, portanto, investigar como os pais estão vivenciando o processo de transição para a paternidade.

Método

Foi realizado estudo qualitativo de caráter exploratório.

Participantes

Participaram do estudo 8 sujeitos do sexo masculino, heterossexuais, primíparos, casados ou em relação estável com a companheira, que tinham filhos com idade entre seis meses e três anos, membros das camadas médias cariocas.

Instrumentos e procedimentos

Foram realizadas entrevistas presenciais com roteiro oculto semiestruturado, contemplando temas relevantes aos objetivos aqui propostos, tais como: vivência da masculinidade na transição para a paternidade e a construção da identidade masculina contemporânea. Os participantes foram selecionados através da rede de relacionamento da pesquisadora. Todas as entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora e foram integralmente gravadas e transcritas.

Procedimentos éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade onde foi desenvolvido e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com o uso dos dados col etados para fins de pesquisa e publicação científica.

Análise dos dados

Para a análise do material obtido foi utilizado o método de análise de conteúdo como proposto por Bardin (2010), em sua vertente categorial. Posteriormente, os resultados obtidos foram discutidos a partir da literatura pertinente. Das falas dos entrevistados emergiram três categorias de análise: *pré-*

história da paternidade: o desejo de ter filhos; repercussões da parentalidade no relacionamento conjugal e, envolvimento paterno.

Resultados e discussão

Pré-história da paternidade; o desejo de ter filhos

A história de um filho inicia -se antes mesmo de sua gestação. O desejo de ter um filho vincula -se com a história infantil de cada um dos pais, com os cuidados parentais que receberam e, conseqüentemente, com as fantasias parentais de cada um deles. A realização do desejo de ter um filho, portanto, diz respeito a um entrelaçamento das fantasias dos pais que se atualizam na gestação e na chegada do bebê. Toda a atividade psíquica envolvida no desejo, planejamento, gestação e nascimento de um filho tem conseqüências na qualidade de vínculo estabelecida entre os pais e o bebê (Zornig, 2010; Silva et al., 2017; Solis-Ponton e Lebovici, 2014). Na fala destacada a seguir, o participante revela que o desejo de ter uma filha estava presente desde antes mesmo de conhecer sua esposa. A aspiração da filha origina -se em um sonho, fonte também da escolha do nome da filha.

“Em 2005, eu nem conhecia ainda minha mulher, um dia eu acordei e lembrei Eu Tive um sonho que eu tinha uma filha chamada C. E quando a gente começou a namorar, em algum momento, comentei sobre a gente ter filhos. E aí ela falou que precisava falar pra mim uma coisa que ela nunca tinha pensado. Que não estava nos planos dela. Não estou dizendo não, mas isso foi um grande problema pra você eu prefiro dizer agora, pra você não se sentir enganado. Eu não sei se você vai entender o que vou dizer agora. Eu tenho um senso de humor muito aguçado. Eu sou muito sarcástico também, então, virei pra ela e falei: você vai ser

mãe você só não sabe ainda. Aí logo depois ela estava no quarto ao lado Eu fui lá ela deu pra mim E falou: “a gente vai ter essa filha”. Então a gente perdeu as gestações com oito semanas, mas você já se sente mãe de oito semanas. Ela chegou pra mim e falou: “Eu já senti o que é ser mãe”. Ela brinca comigo que se não fosse por minha gente não teria a C. Mas isso não é verdade, a gente tem a C. porque estamos juntos, senão não teríamos ela. Quando a gente descobriu que era uma menina, eu disse: “essa vai ser a C.”.

(entrevistado 3)

Tradicionalmente, existe um maior enfoque acadêmico no desejo e na preparação materna para a chegada de um filho. Sabe-se ainda pouco acerca da preparação para a paternidade, tanto psíquica, quanto para o exercício do cuidado paterno (Gage e Kirk, 2016). Na contramão do imaginário social sobre o desejo materno como algo primário, a fala destacada chama a atenção por explicitar o desejo paterno como originador do projeto da parentalidade do casal. A pré-história de C. tem, portanto, início no desejo paterno responsável por instaurar uma filha na história psíquica do casal. Mais adiante, em sua narrativa, o participante revela uma paternagem extremamente amorosa, proveniente de seu próprio pai:

“...extremamente amorosa, meu pai é um cara que apesar de ter tido um relacionamento muito ruim com o meu avô, ele não tinha pra dar aquilo que ele precisa. Então meu pai sofreu muito a vida inteira, enquanto meu avô estava vivo, esperando um afeto que não veio. Então ele poderia ser um cara extremamente seco e

insensível, mas ele não repetiu. Ele é um cara muito carinhoso, eu acho ótimo, ele não repetiu o padrão, dou graças a Deus dele ser como é. Um cara que demonstra afeto” (entrevistado 3)

A narrativa do entrevistado corrobora as postulações de Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth e Lamb (2000) que defendem que a paternidade é um constructo que abarca as mudanças vividas na sociedade, os novos lugares dados às mulheres, principalmente no mercado de trabalho e, conseqüentemente, o que se espera dos homens como pais e o lugar que ocupam na família. Dessa forma a função paterna e suas práticas são aprendidas. Os autores sugerem que os pais tendem a agir mais como seus pais do que como suas mães e que a construção da paternidade está atrelada aos papéis de gênero. Ao ter contato com um modelo de pai e homem carinhoso e afetivo, o entrevistado pôde construir uma identidade paterna e masculina mais sensível, dando espaço para o bebê imaginário mesmo antes de conhecer sua esposa e mãe de sua filha.

Assim como o entrevistado 3, os entrevistados 1 e 4 relatam que sempre quiserem ser pais, antes mesmo de conhecer suas parceiras.

“É uma coisa que eu sempre tive vontade. Tinha um marco na minha cabeça: meus pais tiveram mais ou menos com essa idade e eu achava que era uma idade boa pra isso. E aí, desde que eu entrei na faculdade, eu achava que essa era uma idade boa pra isso e acabou calhando de ser isso mesmo”. (entrevistado 1).

“Pois é. Eu sempre quis. Mas é aquele negócio, a mulher que sofre mais, e eu não tinha nenhuma noção de maternidade, nunca cuidei de nenhuma criança.” (entrevistado 4)

Esta narrativa vai ao encontro das postulações de Cabrera et. al (2000) e de Zornig (2010) que sugerem que os modelos parentais envolvidos na infância são peças-chave na construção da parentalidade e, assim, na paternidade e no próprio desejo de ter filhos. O participante explicita que sempre desejou ser pai com a mesma idade que seus próprios pais.

Entre os participantes, apenas o entrevistado 5 demonstrou que em um primeiro momento não desejou ser pai. Na fala a seguir, o participante demonstra que apesar de não ser uma aspiração individual sua, sabia que sua esposa planejava se mãe, e que se o relacionamento continuasse, ele seria pai.

“Não, aí que tá, assim, a gente nunca chegou falar diretamente sobre... chegou a falar mas não chegou a falar, porque o que eu tinha na minha cabeça era assim: se você continuar junto dela você vai acabar sendo pai, porque ela estudou isso entendeu? Era uma coisa meio implícita, mas a gente nunca chegou para parar pra conversar assim: “E aí? Vamos ter um filho? Quando é que vai ser, como vai ser, como é que vai acontecer?”. É, isso não teve, mas eu sabia, assim das duas uma... ou, se eu continuar... se a gente continuasse junto ia rolar, ia chegar um momento que eu ia de certa forma ser cobrado: “e aí, vai rolar, ou não vai [...] “Caralho! Puta merda! Vou ser pai.” E aí eu fiquei, eu ficava pensando assim “Caralho! tomara que essa porra não vá pra frente. Não quero ser pai.” (*Risos*) eu não quero ser pai, tomara que seja alarme... eu não quero ser pai... E aí, nessa época eu lembro que assim “cara, assim, você quer ou não quer ser pai? Porque se você continuar com ela você vai ser pai.” Eu comigo mesmo “você vai ser pai!” né?, assim

“se você não quer ser pai o momento é agora de você cair fora dessa relação, entendeu?” “Isso tá claro pra você?” “É, tem né? dizem que tem. E aí, cara, eu fui levando... como tudo na minha

vida... eu não planejo porra nenhuma, entendeu? Vou levando, cara eu vou levando... cara, se eu tô levando, assim “você vai ser pai um dia, beleza [...]mas uma coisa é uma conversa, outra coisa é quando você vê a coisa concreta! Eu falei: “olha, a gente tá junto, eu te amo. Ok, eu embarco nessa de ter um filho com você. Ter um filho com você, embarco! ” (entrevistado 5)

No trecho destacado é possível perceber que o desejo da mulher foi predominante e definiu de maneira ativa a opção conjugal por ter um filho. O desejo da mãe e, portanto, o bebê que esta imagina, é produto de sua história e fantasias infantis, trazendo ao casal um desejo comum. O desejo paterno, assim, surge no sentido de dar continuidade ao casal conjugal com a instauração de um casal parental, sendo o desejo do filho, após apropriação psíquica também do pai, um projeto comum, dando sentido a uma identidade conjunta do casal.

Repercussões da parentalidade no relacionamento conjugal

As questões relacionadas ao relacionamento conjugal emergiram de forma espontânea das falas de grande parte dos entrevistados; a maioria deles considera o processo de transição para a parentalidade bastante complexo reverberando na conjugalidade de maneira importante.

“Então, é muito difícil para um casal, isso é mais do que sabido, é muito difícil para o casal essa passagem... é uma estrutura nova, é uma criança nova que muda tudo... o primeiro filho, os outros eu não sei (outros filhos) o primeiro filho , é... a gente sentiu muito

isso no primeiro ano. Então é muito stress, muitas novas responsabilidades, então isso abala muito o relacionamento. Você dorme mal, então você fica com o sono ruim, vc dorme pouco, aí você fica irritado e chateado com mais facilidade e as coisas vão acumulando...” (entrevistado 1)

No trecho destacado evidencia-se a interdependência entre as instâncias conjugal e parental, indo ao encontro das formulações de Féres-Carneiro et al. (2004) que sustentam que há forte relação entre essas duas dimensões tornando-se centrais nos processos de constituição do psiquismo familiar e nos processos de subjetivação de cada membro da família. O filho, de acordo com os autores, torna-se central na formação de uma identidade compartilhada do casal na medida em que representa seu projeto central através do qual será dada a continuidade familiar. Dessa forma, os dois subsistemas estão intimamente ligados. A fala explicita as dificuldades vividas pelo casal com a chegada do primeiro filho, corroborando também as postulações de Cowan e Cowan (1995) que defendem que episódios de grande mudança na vida, como o nascimento de um filho, em especial o primeiro, podem ser gatilhos para crises, ampliando vulnerabilidades pré-existentes. Por outro lado, esses episódios podem estimular o desenvolvimento de novos recursos psíquicos e adaptativos. A narrativa torna bastante visível o transbordamento das dificuldades vividas no subsistema parento-filial para o subsistema conjugal, indo ao encontro de investigações prévias como as de Hameister et al. (2015), Dantas et al. (2004) e Menezes e Lopes (2007).

Na fala destacada a seguir, o participante relata que após a chegada da primeira filha ocorreu um afastamento sexual entre o casal, por outro lado, revela

que a relação afetiva entre eles melhorou, havendo maior proximidade entre eles por compartilharem um projeto em comum, a parentalidade.

“Mudou muito, mudou muito, porque agora a gente vive exclusivamente para nossa filha. Até a relação mesmo entre eu e a A., relação sexual diminui, diminui porque, por esse fato que a gente estava conversando da C. estar sempre com a gente na cama, aí dormia, botava pra lá, mas logo chorava voltava pra cama. Então assim, ela está sempre presente, então, é... a relação entre eu e a minha esposa de falar assim de relacionamento, ficou melhor, ficou mais próxima eu e a A. Afetivo, psicológico a gente ficou mais próximo, por, não sei, por preocupação, a gente ficou mais próximo agora, a gente tá mais... Parece que você coloca meio os problemas de lado para priorizar..., coisas pequenas que às vezes gerava conflitos perde o valor. A gente meio que releva porque agora tem uma, um serzinho ali especial que muda tudo. Eu acho que a relação da minha esposa ficou melhor, a gente ficou mais próximo, eee... como é que eu vou dizer? É como se a gente tivesse a responsabilidade maior mesmo, então a gente acaba relevando.”
(entrevistado 7)

Pode-se notar, na fala do participante que, apesar do afastamento sexual, a relação afetiva entre o casal melhorou com a chegada da primeira filha, uma vez que a parentalidade revela um projeto em comum entre eles. Pode-se dizer que a filha ocupa, nessa tríade, um lugar comum entre o casal, uma identidade compartilhada entre marido e esposa possibilitando a continuidade de uma linhagem familiar (Féres -Carneiro et al. 2004).

Envolvimento paterno

O conceito de envolvimento paterno vem ganhando maior destaque em termos de investigações científicas. Isso ocorre principalmente por conta das mudanças sociais e das relações de gênero que aconteceram nas últimas décadas e que continuam em curso, convocando o homem a ocupar um outro lugar tanto na sociedade, quanto na família. Hoje espera-se um pai mais participante tanto em termos de afazeres relacionados ao cuidado da casa e dos filhos, quanto em termos afetivos. (Silva et. al 2017),

Houzel (2014) postulou uma organização em três eixos envolvidos nas funções e papéis parentais. O exercício da parentalidade diz respeito aos ditos e interditos sociais, suas leis, direitos e deveres que são atribuídos aos pais em determinado contexto e cultura. A experiência da parentalidade engloba aspectos conscientes e inconscientes, questões e conflitos subjetivos envolvidos no processo de tornar-se pai. Nas falas destacadas a seguir, podemos perceber questões e conflitos envolvidos na transição para a paternidade dos participantes que revelam alguns medos que vivenciaram nesse período.

“ Foi fazer exame, foi fazer exame e tal, estava grávida, eu entrei em desespero, eu ia pra sala chorar, desesperado “porra, e agora como é que vai ser? Eu não tenha grana pra ter um filho, a gente tá fodido, eu não sei se tenho capacidade de ser pai, entendeu? Não sei se tenho capacidade de cuidar de uma criança... se eu morrer, se ela morrer, se essa criança morrer...” eu entrei em desespero[...]e aí começou o processo da gravidez e você vai realizando as coisas aos poucos. E aí quando começou... aquela história de sair pra

fazer um exercício igual... fazer um troço eu vou morrer e tal.”

(entrevistado 5)

“É uma boa pergunta... pra mim ser pai tem sido, primeiro tem sido muito bom muito gostoso... eu não sei porque mas a pergunta me remete muito ao momento inicial quando o P. nasceu, né, eu

sou imediatamente transportado para esse momento. Ali eu senti um pouco de medo da responsabilidade que vem, porque, assim, foi um momento um pouco mais, um pouco diferente dos outros pais. Quando ele nasceu foi no meio da greve dos caminhoneiros...

Então eu senti assim, que o mundo estava meio instável, hostil e aquilo me deu um sentimento de “cara eu preciso proteger essa criança aqui, não sei o que vai acontecer mas eu preciso proteger”

Então veio mais um sentimento de se quando nasce a gente já tem uma sensação de responsabilidade, ainda mais nessa situação assim[...] até voltei, por exemplo a nadar, porque eu preciso tar bem de saúde. Não tem a ver só comigo, não falhar e não faltar...”

(entrevistado 6)

As falas destacadas explicitam, cada uma em sua medida, aspectos do que Houzel (2014) intitulou como exercício da parentalidade, ou seja, uma responsabilidade global do pai ocupar um determinado lugar designado socialmente como seu. Assim como o que o autor designou como experiência da parentalidade, uma vez que os trechos evidenciam os medos e preocupações implicados no processo de tornar-se pai e da apropriação subjetiva dos novos papéis e funções com êxito.

“Extremamente gratificante, muito feliz e é uma atividade de todos os dias.

Não... assim, você se sente muito responsável... mas o papo do ser pai é outra coisa. Na verdade, eu só comecei mesmo a me sentir pai com seis meses do B. Porque antes é muito mãe... peito, o corpo dela. É o que eu falo, o primeiro ano é o pai se tornando pai, passando por esses processos, vendo o filho crescer ... deixando passar essa demanda que é só materna para você se tornar pai. “ (entrevistado 1)

Na fala destacada, o participante demonstra a dimensão processual envolvida na transição para a paternidade, ou seja, tornar-se pai não se justifica apenas através da procriação, trata-se de um processo paulatino de apropriação desse lugar e de transformações profundas na identidade do sujeito. Dessa forma, a fala corrobora as formulações de Houzel no que diz respeito à experiência da parentalidade em sua dimensão consciente e inconsciente.

Nos trechos a seguir, os participantes dizem de que forma participam dos cuidados parentais, em ambos os casos, os pais são profissionais liberais e podem, dessa forma, ter horários flexíveis que permitem maior envolvimento dos mesmos nos cuidados com os filhos.

“Levo ele na pracinha, fico brincando com ele, cada hora ele muda a brincadeira preferida dele, até semana passada era jogar pedra na grama, agora é pegar o galho e ficar fazendo tectec na grade da praça paris. Então, cada hora ele inventa uma brincadeira nova preferida e eu fico com ele gastando energia até quando ele aguenta. Ele aguenta 1 hora e meia no máximo, aí depois ele quer voltar pra casa, quer mamar e dormir. (entrevistado 2)

“Não existe uma divisão formal, mas existe uma divisão prática.

Então no dia a dia como eu sou um profissional liberal e sou empresário

também, eu acabo tendo mais tempo pra ajudar. Por exemplo, de manhã eu estava com ele, porque minha esposa foi para o mestrado e ela também trabalha num laboratório lá na universidade, tem toda uma equipe lá.[...]. De manhã eu vou ficar com ele porque minha esposa não está. De tarde ele fica na creche e tem que ter, tem que ter creche, tem que ter amizades[...]. Ele volta de noite da creche, minha esposa dá o jantar, eu dou o banho e ela coloca para dormir.” (entrevistado 1)

Sobre as práticas parentais, ou seja, os afazeres relacionados aos cuidados parentais, todos os participantes relataram participar em alguma medida dos afazeres envolvidos nos cuidados com os filhos. Nas falas destacadas os participantes, cada um em sua media, revelam algumas tarefas através das quais participam dos cuidados parentais. Trata-se do terceiro eixo postulado por Houzel (2014) compreendido no envolvimento paterno. Ou seja, o campo das práticas parentais que envolve tarefas cotidianas relativas ao cuidado físico e psicológico dos filhos. As falas explicitam também questões importantes relativas ao envolvimento paterno. De acordo com Silva e Piccinini (2007), hoje espera-se maior comprometimento dos pais com os afazeres do lar e com os cuidados dos filhos. Muitos aspectos, comportamentos, atitudes e sentimentos antes associados com a maternidade hoje são compartilhados com os pais. Dessa forma, há uma crescente expectativa por um pai mais envolvido, envolvimento esse que compreende diversos aspectos relacionados ao relacionamento parental.

Considerações finais

Considerando-se os objetivos aqui propostos, pretendeu-se compreender a experiência subjetiva de pais primíparos na transição para a paternidade, o desejo de filhos, as repercussões da parentalidade no relacionamento conjugal e o envolvimento paterno. Os resultados indicam que atualmente há uma crescente demanda por maior envolvimento paterno no contexto familiar. A entrada da mulher no mercado de trabalho e, por conseguinte, sua menor disponibilidade de tempo para desempenhar sozinha as tarefas e funções envolvidas no cuidado da casa e dos filhos, convoca o homem a ter uma diferente postura como pai. Em suas falas, os participantes demonstraram sua participação nos cuidados envolvidos com os filhos, tanto físico como psicológico e afetivo. A maioria dos entrevistados demonstrou sua implicação no processo de transição para a parentalidade, desde seus primórdios, esboçando envolvimento no desejo de filhos, até apropriação objetiva e subjetiva do exercício, da experiência e das práticas parentais.

É importante salientar que todos os participantes do estudo apresentado fazem parte das camadas médias cariocas, sendo assim, não se pretende generalizar os resultados aqui apresentados. Sugerimos a realização de futuras investigações com participantes de outros segmentos sociais para que se investigue como os homens dessas camadas estão experimentando a transição para a paternidade, suas reverberações no relacionamento conjugal e o desejo de filhos.

4. Conclusão

Para atingir os objetivos propostos de investigar como os pais estão vivenciando o processo de transição para a paternidade, bem como compreender a experiência subjetiva de ser homem na transição para a paternidade, os resultados desta dissertação foram apresentados em dois artigos. No primeiro, verificamos que o processo de transição para a paternidade representa um momento onde papéis e funções precisam ser repensados e negociados, propiciando maior reflexão sobre as relações de gênero e, portanto, sobre a masculinidade. Neste momento, os novos pais refletem sobre o masculino revisitando os referenciais presentes em suas infâncias, podendo operar uma reparação subjetiva sobre o que vivenciaram, se necessário for, para construir o que vem sendo chamado de “novas masculinidades”.

A partir dos achados do segundo artigo, pudemos constatar uma demanda por um pai mais envolvido com a criação dos filhos e com as tarefas relacionadas ao contexto familiar. Com a entrada de contingente feminino no mercado de trabalho, as mulheres que antes se dedicavam quase que exclusivamente ao lar passaram a ter menos tempo para fazê-lo, necessitando de maior envolvimento paterno. Os participantes demonstraram participação nos cuidados físico, psicológico e afetivo, apropriando-se das funções relativas aos cuidados parentais.

Os resultados indicam, dessa forma, que a transição para a parentalidade representa um momento no qual as questões relacionadas às identidades de gênero apresentam-se de maneira significativa. Nesse sentido, trata-se de um período propício para refletir sobre e para ressignificar tanto o estatuto do masculino, quanto do feminino, uma vez que, ao se tornarem pais, os indivíduos revisitam suas vivências como filhos, repensando seus referenciais parentais que estão intimamente relacionados aos papéis de gênero vigentes em um dado tempo, em

uma certa sociedade e cultura. A entrada da mulher no mercado de trabalho e, conseqüentemente, sua menor disponibilidade de estar exclusivamente no ambiente doméstico, dedicando-se aos cuidados do lar e dos filhos, convocou o homem a ocupar novos lugares na família. Hoje há uma maior demanda por um pai mais presente no cuidado dos filhos. Entre os entrevistados, todos são casados legalmente ou não com mulheres que trabalham. Sendo assim, cada um em sua medida, todos participam do cuidado dos filhos tanto em sua dimensão física, quanto afetiva e emocional. Em suas falas, evidenciou -se também maior envolvimento com os afazeres doméstico.

Pôde-se perceber através das narrativas dos participantes maior flexibilização nos papéis de gênero. Grande parte dos entrevistados teve dificuldade em apontar diferenças significativas entre homens e mulheres, indicando apenas diferenças físicas e fisiológicas. Dessa forma, sentem -se equiparados a suas parceiras. Percebeu-se envolvimento e participação paterna nos cuidados com os filhos, assim como presença ativa nos temas relacionados à manutenção do lar. Houve emergência do tema da conjugalidade nas falas dos participantes, que consideram que o processo de transição para a parentalidade reverbera em transformações importantes na esfera conjugal.

É importante frisar que os participantes dessa pesquisa fazem parte das camadas médias cariocas. Dessa forma-sugerimos futuras investigações, sobre as temáticas aqui propostas, com homens de outros segmentos sociais.

Referências bibliográficas

- Bardin, L (2010). *Análise do conteúdo (4ª edição)*. Lisboa: Edições 70.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In: Carter, B.; McGoldrick, M. (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 206–221.
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development, 71*(1), 127-136. doi: 10.1111/1467-8624.00126
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Connel, R. (2016). *Gênero em termos reais*. Tradução Moschkovich M. São Paulo: Inversos
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: Why they are needed and what they can do. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies, 44*(4), 412–423. doi: 10.2307/584997
- Crespi, I. & Ruspini, E. (2015) Transition to fatherhood: New perspectives in the global context of changing men’s identities. *International Review of Sociology, 25*(3), 353–358. doi: 10.1080/03906701.2015.1078529
- Dantas, C., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia, 14*(29), 347–357.
- Dantas, C., Féres-Carneiro, T., Mello, R. & Ziviani, C. (2017) . Parentalização e conjugalidade: repercussões da inversão geracional. in Féres -Carneiro, T (org). *Casal e Família Teoria, pesquisa e clínica*. Rio de Janeiro: Ed.

- Gage, J. D. & Kirk, R. (2016) First-Time Fathers: Perceptions of Preparedness for Fatherhood. *Canadian Journal of Nursing Research Archive*, 34(4).
Recuperado de: <https://cjr.archive.mcgill.ca/article/view/1788/1785> .
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Giddens, A. (2003). *The third way: The renewal of social democracy*. Cambridge: New Labour reader, 34–38.
- Giddens, A. (2013). *The third way: The renewal of social democracy*. Cambridge: John Wiley & Sons.
- Guenther, E., Humbert, A., & Kellan, E. (2018). Gender vs. Sex. Oxford Research Encyclopedia of Business and Management. Retirado de <https://oxfordre.com/business/view/10.1093/acrefore/9780190224851.001.0001/acrefore-9780190224851-e-58>.
- Hall, S. (2006). *A identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 4.
- Hameister, B. R.; Barbosa, P. V. & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140–155. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672015000200011&lng=pt&nrm=iso
- Hernandez, J. A. E. & Hutz, C. S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4), 414-421
- Houzel, D. (2014). As implicações da parentalidade. In: KARIM, L. S. (Ed.). . *Ser pai, ser mãe- parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo

- Jager, M. E. & Bottoli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: teoria e prática*, 13(1), 142-153.
Retirado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100011
- Krob, A., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269–291. doi: 10.1590/S0103-65642009000200008
- Lamb, M. (1992) O Papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica*, 10. 19-34.
Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.12/2706>
- Machado, R. N., Féres-Carneiro, T., Magalhães, A. S. (2015). Parentalidade Adotiva: Contextualizando a Escolha. *Psico (Porto Alegre)*, 46(4), 442–451. doi: 10.15448/1980-8623.2015.4.19862
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12(1), 83-93. doi: 10.1590/S1413-82712007000100010
- Nolasco, S. (1995). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pleck, E. H., & Pleck, J. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (p. 33–48). John Wiley & Sons Inc.
- Reginato, M. G., & Garcia, A. D. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16 (3), 253-261. Retirado de:
<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf> .

- Rodríguez, R., Pérez, G., & Salguero, A. (2010). Fatherhood desire in men. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 28(1), 84-96. Recuperado de: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794 - 47242010000100010&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242010000100010&lng=en&tlng=en).
- Silva, M. R., Gabriel, M. R., Cherer, E. Q., & Piccinini, C. A. (2017). Os conceitos de envolvimento e experiência nos estudos sobre paternidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(3), 116-132. Recuperado em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809 - 52672017000300009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300009&lng=pt&tlng=pt).
- Singly, F. D. & Peixoto, C. E. (2007). *Sociologia da família contemporânea*. São Paulo: Editora FGV.
- Solis-Ponton, L. (2014). A construção da parentalidade. In: KARIN, L. (Ed.). *Ser pai, ser mãe- parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Solis-Ponton, L. & Lebovici, S. (2014). Diálogo Leticia Solis -Pontone e Serge Lebovici. In: KARIN, L. S. -P. (Ed.). *Ser pai, ser mãe- parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Souza, C. L. C., & Benetti, F. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106. doi: 10.1590/S0103-863X2009000100012.
- Varikas, E. (2016). *Pensar o sexo e o gênero*. Campinas: Unicamp
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.

Recuperado de:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=2290/229031583004>

Wang, M., Jablonski, B., Magalhaes, A. S. (2006) Identidades masculinas: limites e possibilidades. *Psicologia em revista*, 12 (19), 54–65.

Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempopsicanalítico*, 42(2), 453-470.

Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>

Anexos

Anexo 1: Perfil dos participantes

Tabela 1
Perfil dos participantes

Entrevistado	Idade	Escolaridade	Idade do filho(a)
Entrevistado 1	34 anos	Pós-graduação completa	2 anos e 3 meses
Entrevistado 2	40 anos	Graduação completa	11 meses
Entrevistado 3	46 anos	Graduação completa	1 ano e 1 mês
Entrevistado 4	33 anos	Graduação completa	9 meses
Entrevistado 5	43 anos	Pós-graduação completa	9 meses
Entrevistado 6	37 anos	Graduação completa	1 ano
Entrevistado 7	32 anos	Graduação incompleta	2 anos
Entrevistado 8	32 anos	Graduação completa	1 ano e 4 meses

Nota: As informações dos participantes entrevistados são referentes ao momento da entrevista.

Anexo 2: Roteiro de entrevista

Você pode me falar um pouco sobre como você se sente como homem hoje em dia?

O que é ser pai para você?

Como você se sente como pai?

Como foi a decisão de ter um filho?

Como foi para você a transição de uma posição onde era exclusivamente filho, irmão, marido... para a atual de ser também pai?

Como era a sua relação com o seu pai?

Existe alguma característica paterna do seu pai que você enxerga em você mesmo?

De que forma você cuida do seu filho?

Como são divididas as tarefas de cuidado na sua família?

Quem cuidava de você durante a sua infância?

O que é ser homem para você?

Quando você pensa em masculinidade, quais características vêm a sua mente?

Você percebe mudanças no comportamento e nos papéis exercidos pelo homem atual em relação aos homens de gerações passadas?

Você gostaria de dizer mais alguma coisa que não tenha sido contemplada nessa entrevista?